

QUANDO O SAL PERDE “SEU SABOR”: O NIILISMO E A IGREJA CONTEMPORÂNEA¹

Joel P. Okamoto

Resumo: A igreja cristã é testemunha da palavra de Deus para o contexto no qual ela (a igreja) vive. Esse exercício pode ser caracterizado em manter a autoridade da palavra de Deus, traduzir essa autoridade bíblica e importar-se com o ouvinte destinado dessa tradução. A proposta do presente artigo é nos ajudar a perceber como o contexto importa na tradução da Palavra para determinado contexto, sem, no entanto, descaracterizar a autoridade dada por Cristo através de sua Palavra à igreja contemporânea.

Palavras-Chave: Contexto. Nietzsche. Hermenêutica. Tradução da palavra de Deus. Igreja Contemporânea.

INTRODUÇÃO

A igreja deve sempre buscar ser fiel em suas circunstâncias particulares. Mas esse imperativo continua sendo um princípio normal em todas as circunstâncias, a menos que seja acompanhado de uma descrição e análise precisas da situação.

¹ Clóvis Jair Prunzel, tradutor. Tradução autorizada pelo periódico *Concordia Journal*, do Concordia Seminary de St. Louis, USA. OKAMOTO, Joel P. When Salt Loses Its Saltiness Nihilism and the Contemporary Church. *Concordia Journal*, p.33-49, Fall, 2018.

Muitos estudiosos propuseram maneiras de entender a situação atual que encontramos em grande parte da América do Norte, Europa e outros lugares. Algumas situações são tão comuns que os cristãos as descrevem com rótulos como “individualismo”, “secularismo” e “pluralismo”. Essas maneiras geralmente vêm de percepções verdadeiras e oferecem orientações valiosas, mas alguns descrevem o problema como sendo fora da igreja.

“Individualismo” é a atitude de que o indivíduo solitário é suficiente e, se não tiver obrigações morais, é levado a depender de sua própria capacidade e decisões, sendo que a mensagem da igreja sobre pecado e graça, sobre fé em Deus e sobre o amor altruísta pelo próximo já não lhe fazem mais sentido. “Secularismo” é concepção que se tem e que se encontra fora da igreja e que é definida pela explicação da obra de Deus a partir da ciência e da psicologia. “Pluralismo” é a ideia de que muitas pessoas fora da igreja foram condicionadas a pensar que todas as religiões são formas mais ou menos igualmente válidas para se encontrar o que é bom, verdadeiro, correto e duradouro.

Propostas mais penetrantes e, em última análise, úteis, explicam como a própria igreja pode ser cúmplice na promoção desse tipo de infidelidade. Uma delas é o “estilo paranoico”, descrito pelo historiador Richard Hofstadter, na década de 1960. Ele explica não apenas grande parte da política civil, mas também a política da igreja.²

Outra proposta nesse sentido é o que Friedrich Nietzsche chamou de “niilismo”. Ela é menos conhecida, mas vale a pena discuti-la.

NIETZSCHE E O NIILISMO

Poucos filósofos de qualquer época têm um reconhecimento tão expressivo como é o caso de Friedrich Nietzsche. A verdade é que ele se saiu muito bem com pouca produção filosófica. A maioria das pessoas o conhece apenas por alguns *slogans*: – “Deus está morto” e “Übermensch” – e por uma associação com o nazismo. Mas isso já foi o suficiente.

² Richard Hofstadter, “The Paranoid Style in American Politics”, *Harper’s Magazine*, v.229, n.1379 (novembro de 1964): 77-86. Uma versão mais longa foi publicada em *The Paranoid Style in American Politics* (Nova York: Alfred A. Knopf, 1965).

Aqueles que aprendem mais sobre seus pensamentos geralmente encontram muito para se alarmar. Terry Eagleton representou claramente essas características em um livro recente:

Se acreditarmos em suas palavras, ele prevê um futuro de guerra global no qual haverá uma reversão à escravidão, os pobres serão impedidos de procriar e as pessoas mais fracas serão esmagadas ou até mesmo exterminadas. “Os fracos e mal constituídos perecerão”, anuncia ele em *The Anti-Christ*, embora não esteja claro se eles definharão por conta própria ou com uma pequena ajuda de pessoas como o próprio Nietzsche. A brutalidade de sua política contrasta com a sutileza de seu pensamento. Como inimigo declarado da paz, da compaixão, da democracia, da efeminação, das mulheres independentes e da ralé proletária, ele é apaixonado por tudo que é cruel, severo e perverso, viril, malicioso, vingativo e dominador. O amor ao próximo é desprezível, e a piedade é contrária à lei da evolução. São os doentes, e não os maus, que são a fonte do perigo espiritual.³

Mas aqueles que se aprofundaram mais sobre seu pensamento também descobrem que Nietzsche possuía algumas outras percepções muito notáveis. Uma delas dizia respeito à ética. Alasdair MacIntyre chamou sua análise das filosofias morais do Iluminismo de “conquista histórica” e concluiu que “sua busca incessantemente séria pelo problema” da ética livre de ficções morais como “direitos”, fez de Nietzsche “o filósofo moral” de sua época.⁴ A política civil contemporânea nos Estados Unidos justifica esse julgamento. O discurso moral ainda está preso às velhas categorias, mas está claramente “além do bem e do mal”. Por exemplo, os debates públicos sobre assuntos como aborto, casamento entre pessoas do mesmo sexo e controle de armas são sobre a extensão dos direitos individuais, não sobre se eles são bons ou maus. Por essas razões, MacIntyre disse que a questão básica contemporânea da filosofia moral era “Nietzsche ou Aristóteles”.⁵

3 Terry Eagleton, *Materialism* (New Haven e Londres: Yale University Press, 2016), 102-103. A citação de Nietzsche é de Friedrich Nietzsche, *Twilight of the Idols! The Anti-Christ*, trans. R. J. Hollingdale (Nova York: Penguin Books, 1968), 116.

4 Alasdair MacIntyre, *After Virtue*, 2ª ed. (Notre Dame, IN: University of Notre Dame Press, 1984), 113-114.

5 *Ibid.*, capítulo 9, esp.117-118.

“Niilismo” é o slogan de outra das formidáveis percepções de Nietzsche. Em algum momento de 1885 ou 1886, ele escreveu em um caderno: “O niilismo está à porta: de onde vem esse hóspede mais desagradável de todos?”⁶ Por si só, a menção ao niilismo não era surpreendente. Quando Ivan Turgenev publicou *Fathers and Sons* (Pais e Filhos) em 1862, ele deu ampla circulação ao niilismo. Em 1881, o czar Alexandre II foi assassinado, e o niilismo ganhou atenção mais ampla e urgente. Em *Anti-Nietzsche*, uma análise cuidadosa e uma resposta à concepção de niilismo de Nietzsche, Malcolm Bull explica:

Na década de 1880, o niilismo era o tema de vários livros na Alemanha e o tópico de comentários empolgados em toda a Europa e no mundo. Nos Estados Unidos o interesse de Nietzsche deve, portanto, ser visto no contexto de uma onda de ansiedade internacional semelhante, talvez, ao fascínio pelo terrorismo islâmico desde 2001. Esse também tinha conotações raciais: o *New York Times* descreveu os niilistas russos como “nômades asiáticos que buscam destruir a civilização ocidental”, e lá era frequente a referência a suas origens “tártaras”. Descrevendo Bakunin, um escritor francês, disse que “esse homem certamente não era um europeu, um eslavo, um filho de deístas arianos, mas um descendente das hordas de ateus que quase destruíram nosso mundo várias vezes e que, em vez da ideia de progresso, carregam a ideia do nada enterrada em seus corações”.⁷

O que teria sido surpreendente, se alguém soubesse o que ele estava pensando ou tivesse lido o que ele estava escrevendo, era o que Nietzsche queria dizer com “niilismo”. Ele conhecia o niilismo russo, mas o considerava como “crença na descrença” e concluía com desprezo que ele decorria de uma necessidade de fé.⁸ O niilismo proposto por Nietzsche era bem diferente. Era um processo histórico abrangente

6 Friedrich Nietzsche, *The Will to Power*, ed., Walter Kaufmann, trad. Walter Kaufmann, e R. J. Hollingdale (Nova York: Random House, 1967), 7. Reconheço que esse documento é uma construção controversa e especulativa das anotações de Nietzsche. Mas, para meus propósitos, as dúvidas e objeções à Vontade de Poder não importam. Procurei me referir a Nietzsche de forma justa e, como explicarei, estou isolando o niilismo do argumento histórico no qual Nietzsche o localiza e da agenda social para a qual ele promove a ideia.

7 Malcolm Bull, *Anti-Nietzsche* (Londres e Nova York: Verso, 2011), p.55-56.

8 Friedrich Nietzsche, *The Gay Science*, §347, trans. com comentários de Walter Kaufmann (Nova York: Vintage Books, 1974), 289.

pelo qual todos os ídolos que davam valor e significado às sociedades ocidentais se arruinariam e do qual poderiam surgir, esperava ele, novas e mais elevadas pessoas em sociedades com propósitos mais elevados e maiores – novos, mais elevados e maiores, como ele pensava, com certeza.

A influência de Nietzsche no pensamento social e político contemporâneo é inegável, e esse seria um dos motivos para se engajar em sua concepção de niilismo.⁹ Mas a discussão de Nietzsche sobre o niilismo é clara e concreta o suficiente para se destacar de sua concepção específica de niilismo. De fato, seria mais justo e mais proveitoso pensar que estamos em casa no niilismo do que pensar que o niilismo está em casa entre nós.

O *insight* de Nietzsche, além de ser um argumento histórico e uma agenda social, é suficientemente convincente para ser analisado por si só. De fato, separado de seu argumento histórico e de sua agenda social, o *insight* de Nietzsche se torna mais persuasivo – e o problema que ele ilumina, mais urgente ainda.

Nietzsche estava certo ao dizer que o niilismo estava na porta. Além disso, para manter a imagem de Nietzsche, o niilismo agora entrou pela porta. De fato, seria mais justo e mais proveitoso pensar que estamos em casa no niilismo do que pensar que o niilismo está em casa entre nós. Portanto, faríamos bem em entender o que Nietzsche quis dizer com “niilismo” e considerar o que o niilismo significa para a vida, o testemunho e a teologia cristã.

O QUE É NIILISMO?

Todas as percepções esclarecedoras, mesmo as erradas, são simples e descomplicadas. Para tomar um exemplo cristão, Paulo teve uma visão do mistério de Cristo, “que os gentios são co-herdeiros, membros do mesmo corpo e participantes da promessa em Cristo Jesus por meio do evangelho” (Ef 3.6). A partir dessa percepção única, simples e descomplicada, surgem muitos temas cristãos característicos: fé em Cristo, não confiar nas obras da lei; a fé vem pelo ouvir; a mensagem definidora é o evangelho de Jesus Cristo, não a lei mosaica; justiça à parte das obras da

9 O *Anti-Nietzsche* de Malcolm Bull é um exemplo claro desse tipo de engajamento.

lei; justificação por fé; Abraão como pai de todos; salvação somente pela graça. Coisas semelhantes poderiam ser ditas sobre a alegação de Buda de que o desejo de conversação causa sofrimento; o idealismo grego; a álgebra; a hipótese copernicana; os conceitos a priori de Kant; e a ideia de Darwin de evolução por seleção natural.

O mesmo acontece com Nietzsche sobre o niilismo, que diz o seguinte: “O que significa niilismo? Que os valores mais elevados se desvalorizam. O objetivo está faltando; o ‘por quê?’ não encontra resposta”.¹⁰ O termo “valores mais elevados” refere-se a coisas escolhidas pelas quais todo o resto encontra seu valor. Nietzsche identificava regularmente o niilismo com o cristianismo, e os cristãos como niilistas. “Niilista e Cristo” – niilista e cristão – “rimam, e não apenas rimam”.¹¹ Da mesma forma, Nietzsche identificava regularmente os valores mais elevados com os temas cristãos centrais, incluindo Deus, redenção e eternidade.¹² Os filósofos Hubert Dreyfus e Sean Dorrance Kelly resumiram claramente o que significava Deus ser o valor mais elevado com a Europa da Idade Média, ou seja, aquilo pelo qual tudo o mais encontra seu valor:

Os argumentos metafísicos clássicos para a existência de Deus, ou para a necessidade de seus vários atributos, são irrelevantes aqui. O que importa, em vez disso, é que na Idade Média as pessoas não podiam deixar de se sentir determinadas ou criadas por Deus. De fato, isso era tão parte da maneira como elas entendiam o mundo em que viviam, tão garantido por tudo o que fazia sentido para elas, que era praticamente inconcebível que a identidade de alguém pudesse ser determinada de outra forma. Isso era verdade,

10 Nietzsche, *Will to Power*, 9.

11 Nietzsche, *The Antichrist*, §58; em *Twilight of the Idols*, 182.

12 Os exemplos de “valores” mencionados aqui vêm desta passagem em *The Antichrist*, §9: “Eu faço guerra a esse instinto teológico: encontrei traços dele em toda parte. Quem tem sangue teológico em suas veias tem uma atitude errada e desonesta em relação a todas as coisas desde o início. O bate-papo patético que se desenvolve a partir disso é chamado de fé: fechar os olhos com relação a si mesmo para sempre, de modo a não sofrer com a visão da falsidade incurável. A partir dessa perspectiva errônea sobre todas as coisas, cria-se uma moralidade, uma virtude, uma santidade para si mesmo, une-se a boa consciência com a visão falsa – exige-se que nenhum outro tipo de perspectiva receba qualquer valor depois que se tornou sacrossanta com os nomes ‘Deus’, ‘redenção’, ‘eternidade’”. Em *Twilight of the Idols*, p. 120. Ambos *Twilight* e *The Anti-Christ* fazem referência à “reavaliação de todo valor”, portanto, o que Nietzsche quis dizer com “valores” está claro nesses livros, assim como outros exemplos dos valores mais elevados.

é claro, com relação a reis e rainhas. Dizer que eles governavam por direito divino, como era comumente entendido na Idade Média, é dizer que eles foram escolhidos especificamente por Deus para serem os governantes da sociedade. Mas não eram apenas os reis e rainhas que eram escolhidos por direito divino: todos os outros se encaixavam em um lugar na sociedade de acordo com o plano divino do próprio Deus. A visão de mundo que alguém propôs foi simplesmente tomada como certa por todos que valia a pena falar ou ouvir.¹³

Mas Nietzsche não restringiu os valores mais elevados apenas a temas cristãos. Ele incluiu conceitos mais gerais, como verdade, moralidade e metafísica. Os valores mais altos são desvalorizados quando não servem mais como valores mais altos. O problema aqui é uma questão de função. O niilismo não ocorre quando os valores mais elevados, como Deus, são falsificados, abandonados ou esquecidos, embora possam chegar a esses fins. O niilismo ocorre quando os valores mais elevados não servem mais para dar valor a tudo mais. Portanto, o niilismo é perfeitamente compatível com os cristãos que adoram regularmente, oram com sinceridade e leem suas Bíblias. Em toda a Europa, outros observaram o mesmo desenvolvimento. Na Dinamarca, Soren Kierkegaard estava condenando a desvalorização de todas as coisas cristãs quando escreveu: “Se o que queremos dizer com ser cristão é realmente ser cristão, o que é Deus? Ele é o ser mais cômico que já existiu, Sua Palavra é o livro mais cômico que já veio à luz”.¹⁴

13 Hubert Dreyfus e Sean Dorrance Kelly, *All Things Shining: Reading the Western Classics to Find Meaning in a Secular Age* [Lendo os clássicos ocidentais para encontrar significado em uma era secular] (Nova York: Free Press, 2011). “Era secular”, neste caso, faz alusão ao relato de Charles Taylor sobre secularismo e secularização em *A Secular Age* (Cambridge, MA e Londres: The Belknap Press of Harvard University Press, 2007).

14 “Se o que queremos dizer com ser cristão é realmente ser cristão, o que então é Deus? Ele é o ser mais cômico que já existiu, Sua Palavra é o livro mais cômico que já veio à luz: colocar o céu e a terra em movimento (como Ele faz em Sua Palavra), ameaçar com o inferno, com a punição eterna... a fim de alcançar o que entendemos por sermos cristãos (e nós realmente somos cristãos verdadeiros) – não, nada tão cômico já ocorreu! Imagine que um homem com uma pistola carregada se aproximasse de uma pessoa e lhe dissesse: ‘Vou matá-lo a tiros’, ou imagine algo ainda mais terrível, como se ele dissesse: ‘Use sua pessoa e torture-o até a morte da maneira mais terrível, se você não (agora fique atento, pois aí vem) ... tornar sua própria vida aqui na Terra tão proveitosa e agradável quanto possível’”. Soren Kierkegaard, *Attack Upon Christendom*, trans. com uma introdução de Walter Lowrie (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1946), 110.

Em seu poema “Dover Beach”, Matthew Arnold escutou a desvalorização dos valores mais altos à medida que “o Mar da Fé” era recriado com “seu rugido melancólico, longo e retraído” e observou “... aqui como em uma planície sombria/Inundada por alarmes confusos de luta e fogo,/ Onde exércitos ignorantes se enfrentam à noite”. Na França, Charles Baudelaire estava observando como Deus havia sido desvalorizado – como Deus não era mais realmente Deus – quando escreveu,

Mesmo que Deus não existisse, a religião não deixaria de ser santa e divina. Deus é o único ser que não tem necessidade de existir para reinar.

O mais prostituto de todos os seres é o Ser Supremo, o próprio Deus, já que para cada homem ele é o amigo acima de todos os outros; já que ele é a fonte comum e inesgotável do Amor.

Deus e Sua profundidade. É possível até mesmo para o homem inteligente buscar em Deus um ajudante e amigo no qual que ele nunca consegue encontrar. Deus é o eterno confidente e amigo na tragédia da qual cada homem é herói. Talvez existam usurários e assassinos que dizem a Deus: “Senhor, conceda que o empreendimento do meu próximo seja bem-sucedido!” Mas as orações dessas pessoas vis não prejudicam a virtude e a alegria da minha própria.¹⁵

Além disso, como Baudelaire sugere, vemos a desvalorização dos valores mais elevados em seu próprio uso. É isso que Nietzsche quis dizer ao afirmar: “Os valores mais elevados se desvalorizam”. Nesse caso especial do chamado de “sentido literal”, os valores não podem fazer nada, inclusive desvalorizar a si mesmos. Mas Nietzsche quis dizer que, em seu próprio uso, os valores mais elevados estavam causando o declínio de seus valores. Quanto mais as pessoas rezavam como os usurários e assassinos de Baudelaire, mais Deus se parecia com uma prostituta, e mais se podia falar que Deus não precisava existir para que a religião fosse santa e divina.

Nesse ponto, o restante da concepção de niilismo de Nietzsche – “Falta o objetivo; o ‘por quê?’ não encontra resposta” – entra em foco. É possível saber quando os valores mais elevados se desvalorizaram

15 Charles Baudelaire, *Intimate journals*, trans. Christopher Isherwood (São Francisco: City Lights, 1983), 21, 74, 90.

perguntando “Por quê?” e não encontrando nenhuma resposta “objetiva” ou “pública”, ou seja, não encontrando nenhuma resposta além das próprias razões de uma comunidade, como “É assim que sempre fizemos” e razões pessoais como “Isso funciona para mim”. Por exemplo, lembre-se da primeira observação de Baudelaire sobre Deus: “Mesmo que Deus não existisse, a religião não deixaria de ser santa e divina. Deus é o único ser que não tem necessidade de existir para reinar”. Por que alguém hoje pode concordar com ele? Talvez porque compartilhe a experiência do filósofo contemporâneo Bryan Magee com pessoas religiosas:

Minha objeção mais enraizada ao cristianismo é que suas explicações falham de forma tão abismal em medir os mistérios que pretendem iluminar: elas oferecem interpretações simplistas quando o que enfrentamos é uma ignorância e perplexidade quase impenetráveis. Mas tenho esse problema, ainda que em menor grau, com todas as religiões, mesmo as mais atraentes. Elas nos dizem coisas, mas me pego pensando: “Como eles sabem? Talvez o que eles dizem seja verdade. Eu gostaria que fosse. E seria bom se fosse. Mas que razão eles têm para dizer que é?” E eu nunca ouvi uma resposta convincente para essa pergunta. As pessoas têm crenças religiosas por inúmeros tipos diferentes de motivos: porque têm uma profunda convicção de sua verdade, ou porque elas proporcionam uma crença é uma explicação bem-vinda de sua experiência, ou faz com que se sintam melhor, ou os conforta, ou os torna membros de um grupo social simpático, ou porque a absorveram em uma idade acrítica – ou por sabe-se lá quantos outros motivos; mas de nenhum desses motivos decorre que a crença seja verdadeira. E, embora eu tenha insistido na pergunta com frequência, nunca recebi uma resposta que realmente fosse uma resposta. No final, geralmente tudo se resume a uma coisa: as pessoas querem acreditar. Mas isso não tem nada a ver com a verdade.¹⁶

Isso é niilismo: os crentes terão motivos para acreditar em si mesmos, mas não para que todos acreditem. Suas razões não têm nada a ver com a verdade. Quando não há nada além da vontade de acreditar, sua religião – o valor mais alto – se desvaloriza. O objetivo está faltando, ou seja, não há objetivo, apenas satisfação subjetiva. “Por quê?” encontra

16 Bryan Magee, *Confessions of a Philosopher* (Nova York: Random House, 1998), 347-348.

apenas “pessoas [que] querem acreditar”. Observe também como a terceira nota de Baudelaire sobre Deus – Deus como “o eterno confidente e amigo na tragédia da qual cada homem é herói” – coincide com a forma como muitos americanos contemporâneos descrevem Deus. Por exemplo, há o Deus dos pequenos grupos americanos, conforme discernido pelo sociólogo Robert Wuthnow: “Em vez de ser a divindade inescrutável da Reforma, por exemplo, Deus agora é um amigo. Deus não representa mais qualidades tão inspiradoras como o fato de ser infinito, todo-poderoso, onisciente e perfeitamente justo. Deus agora está no mesmo nível que você, mas talvez um pouco mais caloroso e amigável”.¹⁷

Um exemplo ainda mais comum é o “Deísmo Terapêutico Moralista”.¹⁸ Como o nome sugere, o Deísmo Terapêutico Moralista trata de três coisas: “inculcar uma abordagem moralista da vida”; “é sobre proporcionar benefícios terapêuticos a seus adeptos”; e “é sobre a crença em um tipo particular de Deus: aquele que existe, que criou o mundo”, o Deus da fé é o Deus que define nossa ordem moral geral, “mas não aquele que se envolve pessoalmente em nossos assuntos – especialmente assuntos nos quais preferiríamos não ter Deus envolvido. Na maioria das vezes, o Deus dessa fé mantém uma distância segura”.¹⁹ E como é esse Deus? Uma jovem disse: “Deus é como alguém que está sempre ao seu lado, não sei, é como se Deus fosse Deus. Ele é apenas alguém que sempre ajuda você a passar por tudo o que está passando. Quando me tornei cristão, eu estava apenas orando e isso sempre me faz sentir melhor”.²⁰ Em ambos os casos, Deus pode permanecer “eterno”, mas agora ele é “confidente e amigo”, não o Criador e Redentor todo-poderoso. E os valores mais elevados se desvalorizam.

Nesse ponto, pode-se perguntar: “Os valores mais altos não serão substituídos? Ou, pelo menos, não podem ser substituídos?” Essa pergunta ajuda a entender completamente o conceito de “valores mais elevados”. A resposta do próprio Nietzsche foi: “Eles serão substituídos” e seu

17 Robert Wuthnow, *Sharing the journey: Support Groups and Americas New Quest for Community* (Nova York: Free Press, 1994), p.239.

18 Christian Smith com Melinda Lundquist Denton, *Soul Searching: The Religious and Spiritual Lives of American Teenagers* (Oxford e Nova York: Oxford University Press, 2006), 162.

19 Ibid., 163-164.

20 Ibid., 164.

projeto social era: “Uma reavaliação de todos os valores”.²¹ Portanto, ele achava que o niilismo “representa um estágio patológico de transição (o que é patológico é a tremenda generalização, a inferência de que não há significado algum)”.²² Mas a questão sobre substituição exige que sejamos claros sobre como os valores mais altos são especiais entre os valores. Eles definem; eles constituem. São absolutos; são sublimes. Eles não são explicados, porque explicam todo o resto.

Conforme observado anteriormente, a ordem divina das coisas na Idade Média não foi proposta para ser tomada como crença como certo. Isso estava explicando o valor mais alto como tendo o valor mais alto. Lao Tzu disse que o Tao não era e que o Tao não tinha nome. Ele explicou o valor mais alto como sendo o valor mais alto. Quando os muçulmanos falam da unidade de Deus, eles querem dizer mais do que que existe apenas um Deus; eles querem dizer que ele é totalmente único, completamente incomparável. Por essa razão, eles não tentam nem permitem representações visuais de Deus. Eles explicam o valor mais alto como tendo o valor mais alto.

Dessa forma, os valores mais elevados não são substituídos de forma simples ou conveniente por outros valores. Sua desvalorização e sua substituição devem ser radicais e revolucionárias e, portanto, muitas vezes longas, confusas e controversas. Nietzsche estava à frente de seu tempo, mas a ideia filosófica mais conhecida e apropriada de nossa época, o relato de Thomas Kuhn sobre as revoluções científicas, é apenas um argumento detalhado sobre um caso de *insight* nietzschiano.²³ Acreditava-se que a ciência avançava por meio de acumulações graduais de pequenos avanços. No entanto, essa explicação da mudança científica não poderia explicar os desenvolvimentos radicais reais, como a mudança da mecânica aristotélica para a mecânica newtoniana ou da mecânica newtoniana para a mecânica quântica. As diferentes formas de fazer ciência não eram aprimoramentos das formas antigas; eram novas formas revolucionárias. Para explicar isso, Kuhn concebeu o

21 Do “Prefácio” de *Twilight of the Idols* (Crepúsculo dos Ídolos). Nietzsche, *Crepúsculo/Anti-Cristo*, 21.

22 Nietzsche, *Will to Power*, 14.

23 Thomas S. Kuhn, *The Structure of Scientific Revolutions*, 3ª ed. (Chicago e Londres: The University of Chicago Press, 1996).

conceito de “paradigmas”. Os paradigmas incorporam as suposições, os conceitos, as distinções, os métodos e os objetivos que servem como uma constituição para fazer e até mesmo conceber a ciência. Dentro dos paradigmas, toda “ciência normal” não apenas ocorre, mas é imaginada. A ciência normal de fato progride gradualmente. Mas os paradigmas desaparecem somente depois de terem perdido sua capacidade de serem paradigmas, ou seja, somente depois de não funcionarem mais como os “valores mais elevados”. Mas as “mudanças de paradigma” não ocorrem em pequenas etapas graduais. O processo pelo qual isso acontece não é nada normal ou convencional. É radical; equivale a uma revolução. E o processo geralmente é longo, confuso e controverso, porque é uma mudança de uma forma definidora e constitutiva de ver e fazer para outra forma definidora e constitutiva de ver e fazer.

Kuhn também nos ajuda a ver ainda mais claramente o que Nietzsche quis dizer com os “valores mais elevados”. Os valores mais elevados são de fato aqueles que são definitivos e constitutivos. Deus, para Nietzsche, não era apenas uma pessoa ou uma figura, ele representava a maneira de compreender todas as coisas. Portanto, dizer, como fez Nietzsche, “Deus está morto”, é muito mais do que negar a existência de um ser divino específico ou reconhecer a validade do ateísmo. Isso indica que a maneira de ver o universo e tudo o que há nele e todas as maneiras de fazer julgamentos de valor e encontrar significado haviam desaparecido. Assim, por exemplo, o ateísmo e o materialismo, como comumente entendidos, são conceitos pequenos demais para Nietzsche. Isso fica claro em seu breve esboço, *How the ‘Real World’ at last Became a Myth* (Como o “mundo real” finalmente se tornou um mito).²⁴ O “mundo real” é o mundo espiritual e transcendental. Platão e seus ensinamentos o representam. Nietzsche delineia seis estágios da “história [desse] erro”. Ela começou com Platão e depois com sua apropriação cristã.

Mas o processo não termina com o ateísmo e o materialismo, que é quando o “mundo real” é refutado e inútil. Para os ateus e materialistas, o “mundo real” de Deus e do espírito ainda é importante; os próprios rótulos mostram isso. “Ateísmo” e “materialismo” refletem oposições ao teísmo e ao idealismo e, portanto, o “mundo real” ainda é importante.

²⁴ Nietzsche, *Twilight of the Idols*, 40-41.

O estágio final de Nietzsche foi além. Seria quando “com o mundo real, também abolimos o mundo aparente! É quando o próprio paradigma “espiritual/material” desaparece, nem mesmo é mais pensado. Isso, por sua vez, mostra como Nietzsche pensou os valores mais elevados de forma completa e abrangente. E isso, por sua vez, mostra o quanto está em jogo com o niilismo: tudo.

NIILISMO E A IGREJA CONTEMPORÂNEA

Se o niilismo é isso, então qual é a sua importância? Para a igreja contemporânea ele é importante por pelo menos três motivos: como uma condição social objetiva, como uma condição subjetiva geral e como uma tentação perene.

Em primeiro lugar, o niilismo é importante como uma característica normal da vida contemporânea, ou seja, como uma condição social objetiva. O filósofo James Edwards chama isso de “o niilismo normal”.²⁵ Isso significa que não importa o que um indivíduo específico possa pensar de si mesmo, pois a maioria das pessoas automaticamente o considerará e o tratará de acordo com as suposições e a lógica do niilismo. O livro *Temor e Tremor*, de Kierkegaard, começa com a imagem de uma liquidação: “Não apenas no mundo dos negócios, mas também no mundo das ideias, nossa época é palco de um *ein wirklicher Ausverkauf* [uma verdadeira liquidação]. Tudo pode ser comprado por um preço tão baixo que se torna uma questão de saber se finalmente haverá alguém que fará uma oferta”.²⁶ Edwards observa que isso foi “escrito em uma clara previsão de nosso niilismo normal” e expande a imagem: “Os preços foram cortados até o osso.

Multidões circulam pelo mercado da história intelectual europeia, procurando as pechinchas ali expostas. No entanto, os produtos – os ‘valores mais altos’ da civilização europeia – são estranhamente lentos”.

25 James C. Edwards, *The Plain Sense of Things: The Fate of Religion in an Age of Normal Nihilism* (Scare College, PA: Penn Scare University Press, 1997). *All Things Shining*, de Dreyfus e Kelly, mencionado anteriormente, é outro relato útil sobre o niilismo e a vida contemporânea.

26 Sören Kierkegaard, *Fear and Trembling/Repetition*, ed. e trans. Howard V. Hong e Edna H. Hong (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1983), 5.

Ou será que é estranho? “Por que alguém deveria viver ou (mais precisamente) morrer por algo que, afinal de contas, é apenas um valor, apenas uma estrutura de interpretação apresentada por alguma forma de vida passageira?”²⁷ “Liquidação”, “preços”, “mercadorias” e “pechinchas” pertencem a uma metáfora de compras que capta muito bem como, de forma ampla e natural, os valores mais altos da cultura ocidental são desvalorizados naturalmente pensado em termos de preço e negociado em termos do que eles podem fazer por você.

Em segundo lugar, o niilismo também é uma condição subjetiva geral. Não são apenas os “outros” que se aproveitam e negociam os “valores mais elevados”; “nós” também o fazemos. Antigamente, as pessoas se consideravam, sem pensar, como se estivessem lidando diretamente com Deus, ou em contato com o reino espiritual transcendente, ou tratando o mundo com precisão por meio de seus sentidos e pelo poder de sua razão. E, embora muitos ainda acreditem com confiança que estão fazendo essas coisas, agora eles precisam acreditar que estão fazendo isso.²⁸ Eles também sabem o que os outros não sabem e não têm uma maneira clara e inconfundível de mostrar ou argumentar que estão fora dessas outras convicções. Entre outras coisas, isso significa que ser religioso significa ser um niilista. Como explica Edwards:

O que significa para nós sermos religiosos? Para nós, significa ser algum tipo de niilista, consciente ou inconsciente, alegre ou triste, ou algo intermediário. Não podemos mais servir a deuses, nem olhar para as Formas, nem nos encontrarmos como o ego-sujeito totalmente presente; só podemos comercializar valores auto desvalorizados: os valores que conversam ainda são comercializados sob os nomes antigos e sagrados de “Javé”, “Alá”, “Jesus”, “verdade”, “amor”, “realidade”, “mal”, “eu” e assim por diante; mas os valores que conversam agora estão um pouco desgastados pelo nosso manuseio e um pouco rachados quando vistos à luz do dia. O niilismo é agora a forma como o mundo chega até nós, ou é a maneira como ele soa em nós. É a maneira como nos comportamos diante do que nos é dado. Agora somos todos niilistas.²⁹

27 Edwards, *The Plain Sense of Things*, 59.

28 Edwards, Dreyfus e Kelly, Taylor e outros (por exemplo, Richard Rorty) destacaram essa mudança como uma mudança radical na cultura ocidental.

29 Edwards, *The Plain Sense of Things*, 45-46.

Sem dúvida, nem todos os indivíduos das sociedades ocidentais, como os Estados Unidos, têm esse tipo de comportamento. Mas a maioria o faz. Mais importante para o nosso propósito, é que a maioria dos cristãos o faz. Da maneira mais geral, eles fazem isso no bate-papo e precisam conceber o que é o cristianismo. A maneira mais séria e ponderada de fazer isso é conceber a mensagem cristã e a teologia cristã como uma “estrutura de interpretação”. Uma “estrutura de interpretação” (conhecida por outros rótulos, como “paradigma” e “visão de mundo”) consiste em um conjunto de suposições, conceitos, convenções e objetivos usados para dar sentido e se espalhar pelo mundo. O “confessionalismo” em um sentido completo (em oposição a um triunfo particular do estilo sobre a substância) é uma “estrutura de interpretação”.³⁰ Assim são as concepções de C. S. Lewis sobre a teologia cristã, a ciência e as religiões não cristãs quando escreveu: “A teologia cristã pode se encaixar na ciência, na arte, na moralidade e nas religiões subcristãs. O ponto de vista científico não pode se encaixar em nenhuma dessas coisas, nem mesmo na própria ciência. Acredito no cristianismo como acredito que o sol nasceu, não apenas porque o vejo, mas porque por meio dele vejo tudo o mais”.³¹ Lewis teve de fazê-lo e nós também, porque cristãos, muçulmanos, budistas, materialistas e neopagãos estão competindo para explicar cada um à sua maneira todas as coisas.

A chave aqui é que os cristãos no Ocidente “encontram-se competindo entre si”. Mas houve um tempo em que eles não competiam entre si. Eles dominavam culturalmente. Mas o fato de que agora eles competem equivale a uma desvalorização acentuada de tudo o que é cristão, a começar por Deus, a Bíblia e a salvação. Além disso, os termos da competição contribuem para sua desvalorização. O que antes era inquestionável, até agora precisa se justificar. Cristãos agora precisam não apenas identificar seus deuses (respondendo “Quem é o seu deus?”), mas também para explicar a própria ideia de Deus. Não é mais suficiente ter uma posição sobre a Bíblia como a palavra de Deus. Os cristãos agora precisam explicar como ela surgiu e como deve funcionar. A salvação

30 Para uma proposta de confessionalismo nesse sentido, consulte meu artigo “Making Sense of Confessionalism”.

31 C. S. Lewis, “Is Theology Poetry?” em *The Weight of Glory and Other Addresses*, ed. rev. e ampliada (Nova York: Macmillan, 1980), 92.

não pode mais ser considerada como o objetivo final. Os cristãos agora precisam explicar por que acham que salvar deveria ser importante. O questionamento, por si só, equivale a uma perda de *status* – um profundo desconto. Os cristãos agravam a desvalorização quando não conseguem responder a essas perguntas de forma convincente – quando sua ideia de “Deus”, “a Bíblia” ou “salvação” parece superficial, forçada ou desesperada. E os cristãos estão sendo vendidos por centavos de dólar quando não conseguem nem mesmo entender o que está sendo perguntado – como acontece frequentemente quando lhes perguntam “Quem é o seu deus?” ou “De onde veio a Bíblia?” Em resumo, o fato de que os cristãos precisam competir e que outros estabelecem os termos da competição, confirma o que Edwards exclamou: “Nós somos todos niilistas”. E quando não conseguem competir, precisamos afirmar: “Realmente, somos niilistas”.

Em terceiro lugar, o niilismo representa uma tentação perene. O niilismo normal significa que o niilismo do bate-papo está em segundo plano. Ele não se destaca, mas determina o que pode se destacar. Ele condiciona o que e como pensamos em vez de nos dizer o que pensar. As duas tentações mais gerais apresentadas pelo niilismo, pelo menos para a igreja, andam juntos: Acomodação, que caracteriza a ala cristã teologicamente “liberal” ou “progressista”, a qual aceita que os valores mais elevados não têm um objetivo duradouro. Ela os seleciona criticamente e os reformula de forma a garantir a sobrevivência da igreja. A resistência, que caracteriza a ala teológica cristã “conservadora” ou “tradicional”, permanece com os valores mais elevados, independentemente de eles servirem a algum propósito claro, ou mesmo de terem um significado claro. Ambos são inerentemente niilistas. As observações de Alasdair MacIntyre sobre a resposta dos teístas ao ateísmo ilustram como eles são. Ele resumiu a resposta cristã à ameaça do ateísmo como sendo a de oferecer “aos ateus cada vez menos em que não acreditar”.³²

Isso acontece de duas maneiras, correspondendo à acomodação e à resistência. A acomodação explicitamente abre mão ou reinterpreta os ensinamentos que os ateus e outros céticos e críticos não aceitam, como a virgindade de Jesus e sua ressurreição dos mortos. Com a estratégia de

32 Alasdair MacIntyre, “The Fare of Theism”, em *The Religious Significance of Atheism* (Nova York e Londres: Columbia University Press, 1969), 24.

resistência, ocorre “um processo de ‘seleção natural’”, no qual “apenas alguns dos dogmas são realmente mantidos com convicção, enquanto os outros, meros ‘vestígios’, recebem apenas a deferência inconsequente de não serem eliminados dos artigos de fé”. Exemplos de tais doutrinas incluem a ressurreição dos mortos e a Trindade. O status vestigial da doutrina da ressurreição dos mortos é demonstrado pelo grande número de cristãos conservadores cuja esperança escatológica é morrer e ir para o céu.

O status vestigial da doutrina da Trindade se mostra porque a maioria dos cristãos não consegue explicar por que foi apropriado que a Palavra se tornasse carne, e não o Pai ou o Espírito, ou por que uma teologia da Palavra, incluindo as Escrituras, deveria começar com a palavra pessoal de Deus, e não do Espírito. Por uma questão de conversa – e isso confirma ainda mais as questões – eles não conseguem nem mesmo entender o que está sendo perguntado.³³ Além disso, ambas as maneiras são niilistas porque ambas desvalorizam todo o corpo da doutrina cristã. Um corpo, para dizer o óbvio, é um todo completo. Estar disposto a descartar partes do corpo, ou deixar alguns pares atrofiarem, desvaloriza o corpo inteiro. De modo mais geral, tanto a acomodação quanto a resistência são niilistas porque reagem. Ambos estão sempre na defensiva, deixando que a situação dite como eles se entendem. A acomodação faz isso chorando constantemente para negociar por algum lugar seguro. A resistência faz isso ao dizer reflexivamente “não” à mudança e ao se dedicar a repetir as mesmas coisas.

NIILISMO, IDENTIDADE CRISTÃ E VIDA

A concepção de niilismo de Nietzsche, embora incompleta e fragmentária, é mais rica e complexa do que temos considerado. O conceito dos valores mais elevados é mais radical do que o discutido, pois inclui metafísica, moralidade e verdade. Nietzsche fez distinção entre niilismo

33 Para saber mais sobre a doutrina da Trindade na situação contemporânea, consulte Karl Rahner, *The Trinity*, trans. Joseph Donceel (Nova York: Herder and Herder, Inc., 1970), I 0-11, e Wolfhart Pannenberg, *Systematic Theology*, vol. 1, trans. Geoffrey W Bromiley (Grand Rapids: Eerdmans, 1991), 280-299. Para saber mais sobre a situação atual da teologia da palavra, consulte Peter H. Nafzger, *These Are Written: Toward a Cruciform Theology of Scripture* (Eugene, OR: Pickwick Publications, 2013).

“ativo” e “passivo”, e entre “completo” e “incompleto”. Ele também explicou o niilismo como um estado psicológico. Não exploramos nenhum desses aspectos.

Até aqui, consideramos o suficiente para afirmar que o niilismo é uma visão importante da situação contemporânea em geral e da igreja cristã em particular. Dando um passo atrás para colocar as questões em uma perspectiva mais ampla, descobrimos que sua importância está em duas características relacionadas: primeiro, ele dá sentido a vários aspectos da vida contemporânea, especialmente no que diz respeito à identidade e à vida cristã; segundo, ele aponta para um relato e uma resposta teológica coerentes. Seguindo os temas já mencionados, podemos ver que o relato de Nietzsche sobre o niilismo nos leva tanto a Kierkegaard quanto à grande liquidação – agora totalmente presente no *marketing* e nas compras da igreja, para não falar da administração e do pessoal necessários para sustentar essas práticas – e a Baudelaire e ao Deus que é prostituta, confidente, amigo – agora totalmente presente na religião terapêutica e na teologia da prosperidade. O niilismo também explica as teologias “liberal” e “conservadora” de forma coerente. O niilismo explica por que elas são imagens espelhadas uma da outra – são duas respostas diferentes para o mesmo problema – e porque ambas resultam em uma teologia cada vez mais sentimental e egoísta. Mas o niilismo faz mais do que oferecer uma explicação em grande escala. Ele também aponta para considerações específicas para que os cristãos busquem levar uma vida mais fiel e dar um testemunho mais fiel. Portanto, com a discussão anterior em mente, aqui estão algumas considerações.

1. Mais uma vez, a questão não é se os cristãos no Ocidente serão niilistas, mas de que tipo eles deveriam ser. Na situação atual, eles não podem deixar de ser entendidos e avaliados como niilistas. No mínimo, eles aparecerão como niilistas no sentido de que serão pessoas que têm uma certa “estrutura de interpretação” abrangente. Os cristãos devem seguir o exemplo de C. S. Lewis sobre a teologia cristã e aceitar isso, em vez de negar ou ignorar esse fato. Em outras palavras, eles devem aprender a se entender como pessoas que imaginam e entendem todas as coisas de acordo com um relato específico de tudo.

Respostas menos abrangentes à pergunta “O que é um cristão?”, como “Um cristão é um seguidor de Jesus Cristo”, não ajudam os cristãos a lidar com o niilismo tão diretamente. Respostas ainda mais restritas, como “Um cristão é alguém que acredita que a vida eterna vem pela graça e não pelas obras” ou “Um cristão é alguém que acredita que a salvação está somente em Jesus Cristo”, serão ainda menos úteis, precisamente por serem tão restritas. Essas respostas visam distinguir os luteranos de outros cristãos. No contexto do niilismo normal, entretanto, esse objetivo é equivocado; a pergunta “Por quê?” não encontra uma resposta apropriada.

2. A necessidade de levar a sério o relato cristão de tudo levanta um problema especial. O relato cristão de tudo é um relato do único Deus verdadeiro e de sua criação. Mas os ensinamentos sobre Deus e a criação estão entre aqueles dos quais a maioria dos cristãos desistiu da maneira como MacIntyre observou em geral. Alguns fazem isso reformulando radicalmente a doutrina tradicional da criação, abandonando características que são questionadas ou contraditas em nome da “ciência”. Outros fazem isso reformulando radicalmente a doutrina de Deus. Em vez disso de concebê-lo como o Soberano Absoluto, livre para criar todas as coisas como lhe aprouver e sem prestar contas a ninguém e sem padrões, ele é entendido como um estudante de engenharia e sua criação como um projeto de design sênior, ao qual alguns dão um “A+” e outros um “F”. Outros ainda não conseguem ver por que nada disso importa. O niilismo afeta os cristãos exatamente no ponto em que um pensamento fiel e apropriado começa. Pelo menos isso nos dá um ponto de partida real para lidar com nossa situação, que é: O testemunho, a pregação, o ensino e a teologia cristãos precisam recuperar não apenas o ensino correto sobre Deus e a criação, mas também precisam dar um relato de Deus e da criação que dê sentido ao evangelismo e à pregação, adoração, ensino e reflexão teológica.
3. Essa afirmação precisa de mais detalhes, mas, antes de apresentá-los, devemos observar um problema relevante: alguns cristãos podem se opor à aceitação da situação niilista como

uma promoção do relativismo. Essa objeção é ao mesmo tempo um erro e um lembrete. Os cristãos na situação atual não podem deixar de ser entendidos como detentores de apenas um conjunto de valores entre muitos, como tendo apenas uma estrutura de interpretação entre várias.³⁴ Isso acontece quer os cristãos aceitem ou não. Portanto, eles devem aceitar a situação em vez de encontrar motivos para negá-la ou inventar desculpas para ignorá-la, incluindo a acusação espúria de que ela promove o relativismo. Mas essa acusação nos lembra que aceitar a situação também significa levar a questão da verdade – a pergunta: “Por que você acredita que isso é verdade?” – a sério. O relato cristão de tudo é mais do que uma maneira de interpretar a vida, a sociedade, o universo e tudo o mais. Ela afirma o caminho verdadeiro. É claro que o niilismo normal significa que algumas pessoas, como Bryan Magee, se preocuparão com a questão da verdade, enquanto outras estarão inclinadas a rejeitar nossas afirmações como apenas outro conjunto de valores.

Por que os cristãos acreditam nisso? A resposta é “Jesus”. O relato cristão de tudo é a história de Deus e sua criação. Os cristãos explicam que todas as coisas são a criação de seu Deus, algo que ele fez livremente e para seu próprio deleite. Depois que o mal e o pecado corromperam e estragaram sua criação, Deus resolveu redimi-la. Para fazer isso, Deus enviou seu próprio Filho. É aqui que o relato de tudo e sua verdade convergem. O Filho de Deus, Jesus Cristo, veio para anunciar e estabelecer o governo redentor de Deus sobre todas as coisas, mas ele não era aceito. Ele foi considerado falso. Em vez disso, ele foi rejeitado e crucificado. Mas Deus o ressuscitou dos mortos. A ressurreição de Cristo provou que ele e tudo o que representava eram verdadeiros, inclusive o relato de Deus e sua criação. Agora, ascendido à mão direita de Deus, Cristo um dia retornará para completar sua missão, para a glória de Deus e para a bem-aventurança eterna de seus seguidores. Esse relato não apenas combate o niilismo normal, mas também dá ao

34 Veja acima sobre o niilismo como uma condição social objetiva.

evangelismo sua mensagem e propósito: falar sobre o universo como a criação do único Deus verdadeiro, anunciar sua sujeição ao julgamento e à redenção por meio de Jesus Cristo, o Filho de Deus, e proclamar o arrependimento para que muitos possam de fato se converter, receber a graça de Deus na fé e esperar a ressurreição dos mortos e a vida que há de vir.³⁵ Também dá à pregação e à adoração seu conteúdo e objetivo: imaginar todas as coisas, inclusive elas mesmas, como a criação do Deus que cria e redime de acordo com essa grande história de tudo. Ela também dá origem a um corpo coerente de doutrina cristã e a uma abordagem consistente e convincente para a reflexão teológica contínua, porque toda teologia surge das perguntas, confusões, problemas e desafios que essa mesma história gera e que essa mesma história resolve.³⁶

4. Nihilismo significa competição. Por essa razão, pode-se perguntar se estamos fazendo algum progresso real se não conseguirmos encontrar argumentos decisivos a favor de nossa explicação e/ou contra outras explicações de tudo, como o budismo ou o materialismo. Mas é preciso lembrar que, no nível dos valores mais elevados, não há argumentos conclusivos, porque nada, por definição, pode estar mais alto para ser julgado. Não há lugar fora de tudo para as criaturas humanas decidirem o que é certo ou, pelo menos, melhor. Ainda há argumentos, mas eles serão limitados. Seu objetivo geral deve ser construtivo, em vez de crítico, e persuasivo, em vez de defensivo, embora algumas críticas e refutações sempre estejam envolvidas.
5. Além disso, os cristãos devem pensar além da competição e dos argumentos. Eles também devem perceber que estão em uma situação em que, constante e principalmente, testemunham a verdade sobre Deus e a criação – sobretudo – por meio de sua própria veracidade.

Essa é uma questão de vida cristã. Os credos já apontam para

35 Discuti essa questão mais detalhadamente em “Evangelismo em uma era de nihilismo normal”, *Missio Apostolica* 22 (2014): 33-43. Veja especialmente 39-42.

36 Discuti essa questão mais detalhadamente, embora ainda de forma bastante breve, em “Making Sense of Confessionalism”.

os contornos de uma vida que é verdadeira, porque confessam Deus como o Criador e Jesus como Senhor. Os catecismos luteranos tornam isso explícito para uma vida verdadeira e fiel. Eles ensinam que o fato de Deus ser o Criador significa que “Deus fez a mim e a todas as criaturas”, e isso implica que “é meu dever agradecê-lo e louvá-lo, servi-lo e obedecê-lo”. Eles ensinam que o fato de Jesus ser o Senhor significa que ele “me redimiou”, e isso implica que “eu vivo sob o seu comando em seu reino e o sirvo em justiça, inocência e bem-aventurança eternas”. Levar uma vida assim é bom em si mesmo, porque é fiel a Deus e a Cristo.

Levar uma vida assim também é bom em nossa situação de duas maneiras. Primeiro, elas refletem nossa fé em Deus, o Criador, e em Jesus como Senhor. Eles testemunham a verdade sobre Deus. Em segundo lugar, elas também são boas para nossos vizinhos. A vida cristã e vida em relação aos outros é principalmente uma vida de amor. “Ame o seu próximo como a si mesmo.” Isso é sempre bom, mas também é uma maneira concreta e natural de resistir às desvalorizações do niilismo. Demonstrar amor aos outros trata os outros como valores.